

Diálogos entre o Teatro em Comunidades e a Academia

Márcia Pompeo Nogueira

Programa de Pós Graduação em Teatro UDESC/Professor Adjunto

Doutorado Universidade de Exeter, Inglaterra

Centro de Artes da UDESC

Resumo: O Teatro em Comunidades tem uma grande presença na sociedade brasileira, acontecendo a partir de iniciativas diversas, como as políticas públicas, as ONGs, os movimentos sociais, instituições religiosas, grupos de teatro ou mesmo por iniciativa independente de pessoas das comunidades; mas sua presença nas universidades ainda é bastante limitada. Esta pesquisa refere-se a um formato de interação da universidade com praticantes do teatro em comunidades, baseado no diálogo, no respeito mútuo e na aprendizagem compartilhada, que se desenvolve no interior do FOFA – Núcleo de Formação de Facilitadores. Mais especificamente ao processo criativo de Relações em Conflito e a abordagem metodológica desenvolvida desde a interação com a comunidade, a identificação temática e escolhas estéticas.

Palavras-chave: teatro em comunidades, formação, processo criativo.

O alcance e o significado do Teatro em Comunidades, no Brasil, têm indicadores contraditórios. De um lado, ele parece não ser significativo, quando buscamos por uma bibliografia nacional sobre o teatro feito nesses contextos; ou quando buscamos comunicações e palestras nos Congressos, Seminários de Teatro, mesmo nos que têm foco em Pedagogia do Teatro e Teatro na Educação; e ainda quando buscamos nas academias brasileiras disciplinas que tratem do teatro na comunidade, nos cursos de graduação e pós-graduação em Teatro.

No entanto, ao pesquisar as práticas existentes, podemos identificar um número muito grande de práticas teatrais que acontecem em contextos comunitários, propostas a partir de diferentes iniciativas. São espaços em que o teatro é praticado fora dos holofotes do teatro comercial e que, talvez por isto mesmo, parece ser invisível para as editoras e para academia. Seguem alguns exemplos de espaços em que o teatro acontece em contextos comunitários. A ideia de listá-los tem a finalidade de indicar, mesmo que de forma superficial, as dimensões desse campo de atuação, carente de pesquisas e publicações.

A prática teatral em ONGs é, em geral, oferecida em comunidades de baixa renda. Ela tem se multiplicado recentemente de forma vertiginosa. Alguns estudos já se dedicam a esse tema, mas ainda há muito que se aprofundar, em função da quantidade e da variedade de práticas existentes. Só para ter uma ideia, uma pesquisa feita pelo programa *Juventude Transformando com Arte* – com o objetivo recolher e disponibilizar informações sobre ações voltadas ou lideradas por jovens, promovidas por grupos e organizações que tenham por foco a transformação social por meio da arte e da cultura – identificou 572 práticas apenas na região Nordeste, das quais 522 são propostas por ONGs. Apesar deste mapeamento não ter o foco na linguagem teatral, ele mostra que as

atividades teatrais estão presentes em 58% das iniciativas. Dados semelhantes são identificados no mapeamento, ainda inacabado, da região Sudeste.

Outro exemplo é o teatro feito em comunidades vinculadas a *movimentos políticos e sociais*. No MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – além da presença de uma prática bastante teatralizada, que existe desde a origem do movimento, as chamadas “Místicas”, o MST teve formação em Teatro do Oprimido no Centro do Teatro do Oprimido do Rio. Outra influência teatral, no Movimento, vem de grupos teatrais, como por exemplo, a *Companhia do Latão*, que contribuiu para a estruturação do grupo, do MST, *Filhos da Mãe... Terra*. O que impressiona nessa modalidade de teatro em comunidades é a incorporação da estrutura e organização política para disseminar a prática teatral, que, no caso do MST, multiplica-se rapidamente em assentamentos de diferentes regiões do Brasil.

A proposta de práticas teatrais comunitárias enquanto *políticas públicas* acontece por meio de diferentes modelos, que variam em termos de maior ou menor articulação entre as atividades, dos recursos envolvidos na sua estruturação, do tamanho da cidade e do partido de seus governantes. A título de exemplo, cito as *Oficinas Populares de Teatro*, da Secretaria da Descentralização da Cultura em Porto Alegre, criadas na gestão do Partido dos Trabalhadores na prefeitura da capital gaúcha. A proposta de arte nos bairros pôde manter-se por muitos anos, criando diversos grupos. Muitos deles atuam em comunidades específicas por vários anos, criando trabalhos mais sólidos. A valorização destes trabalhos aparece em eventos maiores que articulam os diferentes grupos.

O *teatro de Grupo* também está na origem de muitos trabalhos de teatro em comunidades. Essa ligação pode ter sua origem na necessidade de sobrevivência financeira do grupo e dos seus membros e/ou estar ligada aos objetivos intrínsecos do grupo. A vinculação da *Cia do Latão* com o MST, citada acima, é um exemplo disso. Outro exemplo é o trabalho do grupo gaúcho *Oi nois aqui traveis* que inclui oficinas nos bairros de Porto Alegre, desde 1988.

O *Teatro Comunitário religioso* é a origem do engajamento de muitos jovens com a prática teatral. Envolve frequentemente encenações ligadas a datas religiosas, como a representação da *Paixão de Cristo*, que pode adquirir contornos mais ou menos comunitários, dependendo do tipo de envolvimento dos participantes; trabalhos vinculados a grupos de jovens; trabalhos assistenciais etc. A prática teatral com comunidades pode ser identificada junto à religião espírita, pentecostal, católica etc.

Existem também *práticas teatrais comunitárias independentes* que se vinculam a comunidades de local, buscando financiamentos diversos, mas existindo independente deles. Destaco algumas perspectivas de longo prazo, como o grupo *Nós do Morro*, da favela do Vidigal, no Rio de Janeiro; o Grupo *Pombas Urbanas*, em São Paulo, e o grupo de teatro

de São Gonçalo do Bação, Minas Gerais. Todas elas com mais de 20 (vinte) anos de existência.

Sabemos que nem todas as práticas citadas identificam-se com o nome de Teatro em Comunidades, mas como elas acontecem em contextos comunitários, optamos por incluí-las nesta modalidade teatral. A prática teatral em cada um desses espaços é, na verdade, um campo de pesquisa que precisa ser aprofundado. De qualquer forma, os exemplos citados não esgotam a totalidade de experiências teatrais feitas em contextos comunitários e acredito que delas conhecemos apenas uma pequena amostra, a ponta de um *iceberg*.

Diante dessa contradição entre o pequeno espaço do teatro em comunidades na academia e a explosão de práticas nessa área, alguns questionamentos se afirmam: como reverter este quadro? Como a universidade pode se acercar do teatro em comunidades, de forma a dar consistências aos conteúdos ensinados sobre o assunto? De outro lado como a reflexão teórica, a sistematização do conhecimento teatral específico e o diálogo com outras áreas do conhecimento também podem contribuir para o fazer teatral nos contextos comunitários? Precisamos conhecer a realidade das práticas para poder dialogar com elas. Por outro lado, a sistematização do conhecimento advindo da prática e a reflexão fundamentada em bases teóricas podem contribuir para se aprender com os erros e acertos dos outros.

A diversidade e a relação ensino, pesquisa e extensão

Na minha prática como professora do Centro de Artes da UDESC, venho buscando a resposta a essas questões. Para tal, criamos um programa de extensão, que envolve três ações: o Núcleo de Formação de Facilitadores (FOFA), o Grupo Experimental de Teatro e Comunidade (neste ano focado na interação com a comunidade da Tapera) e as Oficinas Intensivas de Teatro. Essas ações são integradas e profundamente relacionadas com a prática didática na Universidade e com o projeto de pesquisa por mim coordenado.

A base de todas estas ações é o FOFA, um grupo que integra pessoas de dentro da universidade – alunos de graduação (entre eles bolsista, estagiários e voluntários), alunos de mestrado, que desenvolvem pesquisa nesta área, e a professora coordenadora do projeto – e pessoas de fora da universidade - líderes comunitários e coordenadores de trabalhos teatrais em comunidades, escolas e sindicatos. A opção pelo teatro em comunidades surge, para alguns, como evolução de uma prática teatral, que busca uma interação com um contexto específico, para outros, surge de uma atuação comunitária, que busca no teatro um caminho para ampliar seu vínculo com a comunidade. Tanto num caso como no outro há a necessidade de debater o fazer teatral em comunidades.

A diversidade que caracteriza a história de vida de cada um de seus integrantes é o que tem de mais rico no FOFA. Trata-se de um espaço de encontro, de trocas, de diálogo. Juntos formamos um grupo que pode investigar metodologias teatrais, debater temas de interesse comum, de forma a um subsidiar os diferentes trabalhos coordenados pelos membros do grupo. A linha condutora do FOFA segue a proposta dialógica do *teatro para o desenvolvimento*, segundo o qual toda a fundamentação teórica e experimentação prática está centrada na valorização da voz das comunidades na construção do processo criativo.

A *Oficina Intensiva* é um evento que acontece no Centro de Artes e envolve os integrantes dos grupos de todos os integrantes do FOFA. Durante todo um final de semana, são oferecidas oficinas em diferentes aspectos da linguagem teatral. Os vários grupos envolvidos se rodiziam por essas oficinas, ampliando seu conhecimento sobre a linguagem teatral.

O *Grupo Experimental de Teatro em Comunidades* relaciona os membros do FOFA e uma comunidade específica numa montagem teatral. No momento esta comunidade é a Tapera, no Sul de Florianópolis, criado com o objetivo de fortalecer o trabalho teatral ali existente, ao mesmo tempo em que criava um repertório comum, de uma prática teatral em comunidades, para todos os seus integrantes. Nossa interação com a Tapera envolveu desde formas de se chegar numa comunidade, respeitando a cultura local, identificando os temas a serem desenvolvidos teatralmente, incluindo o próprio processo criativo e sua apresentação.

Esses projetos representam um caminho para o diálogo entre a universidade e a prática teatral feita em contextos comunitários. São parte de um longo caminho que espero trilhar com outras iniciativas desse tipo. Trata-se de uma via mão dupla, de um lado a participação dos alunos do mestrado e da graduação traz para dentro do FOFA um debate fundamentado, baseado nos conteúdos trabalhados na Universidade. De outro lado os membros do FOFA têm contribuído para a universidade por meio das experiências em suas comunidades, trazendo um conhecimento fundamentado na prática que aprofunda nossos debates e avaliações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NOGUEIRA, Marcia Pompeo "Teatro e Comunidade" in TELLES, Narciso; FLORENTINO, Adilson (orgs) *Cartografias do Ensino de Teatro*. Uberlândia:UDUFU, 2009.

_____. *Teatro e Comunidade: Interações Dilemas e Possibilidades*. Florianópolis: UDESC, 2009.

NOGUEIRA, Marcia Pompeo; GIMMLER NETTO, Maria Amélia. "Teatro e Comunidade em Porto Alegre: um estudo de Caso". *Segunda Jornada de Pesquisa do CEART*, 2006. (meio digital)

NOGUEIRA, Marcia Pompeo; RÓTULO, Guilherme. "Práticas Teatrais no MST". *Terceira Jornada de Pesquisa do CEART*, 2007. (meio digital)

NOGUEIRA, Marcia Pompeo; ROSA, Monique. "As ONGs e o teatro em comunidades" . In: http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume4/numero1/cenicassongseot.pdf *Revista da Descentralização*. Porto Alegre: Catarse, 2009.

SILVESTRE, Neomisia. *Esumbaú, Pombas Urbanas! 20 anos de uma prática de Teatro e Vida*. São Paulo: Instituto Pombas Urbanas, 2009.

STEDILI, João Pedro. *Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela Terra no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

VIGANÓ, Suzana Schmidt. *As Regras do Jogo: a Ação Sociocultural em Teatro e o Ideal Democrático*. São Paulo, Hucitec, 2006.

Sites Consultados: <http://www.juventudearte.org.br/>. Em 02/09/2010.

Meu acesso a produções teatrais feitas em comunidades aconteceu inicialmente a partir do projeto de pesquisa, por mim coordenado, "Banco de Dados em teatro para o desenvolvimento de comunidades", iniciado em 2005. Esse projeto partia da necessidade de contribuir para o mapeamento dessa modalidade teatral, no Brasil, por meio de preenchimento do formulário *on line*. Partindo de pesquisa de endereços eletrônicos de grupos a serem contatados, identificamos alguns trabalhos e solicitamos que respondessem ao questionário e que passassem a fazer parte do Banco de Dados. O formulário foi concretizado e nos forneceu algumas pistas, apesar das dificuldades técnicas e financeiras que tivemos no desenvolvimento da pesquisa.

Ver Viganó, Suzana Schmidt *As Regras do Jogo: a ação cultural em teatro e o ideal democrático*. São Paulo: Hucitec, 2006. Rosa, Monique. "As ONGs e o teatro em comunidades" . In: http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume4/numero1/cenicassongseot.pdf

Trata-se de um mapeamento de iniciativas de Arte e Cultura, promovido pelo programa *Juventude Transformando com Arte*, desde 2005. Este programa faz parte do Centro de Pesquisa sobre Políticas Públicas – CEPP - é coordenado pelas pesquisadoras Beatriz Azeredo e Ângela Nogueira. Ele pode ser acessado no *site*: <http://www.juventudearte.org.br/>.

As místicas são representações artísticas desenvolvidas coletivamente pelos militantes do Movimento dos Sem Terra há cerca de vinte anos. Segundo João Pedro Stedille, elas têm o objetivo de manter o engajamento e a unidade, dos militantes, na luta pela reforma agrária no Brasil (Stedille, 1999, p.).

Sobre este tema pesquisar Nogueira, Marcia Pompeo. *Teatro e Comunidade: Interações Dilemas e Possibilidades*. Florianópolis: UDESC, 2009.

Ver Rótulo, Guilherme; Nogueira, Márcia Pompeo "Práticas Teatrais no MST".

Maria Amélia Gimmler Netto, bolsista de Pesquisa do CEART/UDESC, pesquisou em 2006 três práticas teatrais comunitárias: Parque dos Maias, Bairro Cristal e Bairro Humaitá, que eram vinculadas aos projetos da Secretaria de Descentralização da Cultura e existiam há mais de três anos. Ver Nogueira, M. P.; Gimmler Netto, M. A. "Teatro e Comunidade em Porto Alegre: um estudo de caso".

In: Nogueira, Marcia Pompeo (org). *Teatro na Comunidade: Interações, Dilemas e possibilidades*. Florianópolis, UDESC, 2009, p. 57.

Destaco, a título de exemplo, o trabalho de conclusão de curso de Reginaldo Maurício Ferreira "O Papel do Teatro Religioso na comunidade do Ribeirão da Ilha: a Encenação da Paixão de Cristo" (2005), que detalha um processo de aprofundamento das qualidades teatrais da encenação da Paixão de Cristo paralelo a um envolvimento crescente da comunidade do Ribeirão da Ilha, Florianópolis, na encenação.

A tese de doutorado de Marina Henriques, defendida na UNIRIO *Favela como Palco e Personagem: e o Desafio da Comunidade como sujeito, trata do tema Nós do Morro*.

Sobre o grupo Pombas Urbanas ver Silvestre, Neomisia. *Esumbaú, Pombas Urbanas! 20 anos de uma prática de Teatro e Vida*. São Paulo: Instituto Pombas Urbanas, 2009.

Mário César Coelho Gomes pesquisou o grupo de teatro de São Gonçalo do Baçã. Ver Gomes, Mario César c.; Nogueira, Márcia P..” Garimpendo o Teatro de São Gonçalo do Baçã”.

Sobre definições de Teatro na Comunidade ler: Nogueira, Marcia Pompeo “Teatro e Comunidade” in Telles, Narciso; Florentino, Adilson (orgs) *Cartografias do Ensino de Teatro*. Uberlândia:UDUFU, 2009.

Programa Teatro e Comunidade

Complementarmente o evento pode envolver também integrantes de grupos de teatro coordenados por estagiários de Teatro na Comunidade.

Desse processo resultou a montagem *Relações em Conflito*, unindo os membros do FOFA e jovens da comunidade num processo que vinculou a pesquisa sobre a comunidade e o texto Woyzeck, de Georg Büchner.